DISCURSOS

Á BEIRA-TUMULO

I

Do DR. DJACIR MENESES

Senhores.

A madrugada de hoje começou quando acabava o crepusculo de uma existencia gloriosa. Apagava-se mansamente toda uma longa vida iluminada, de trabalho e de estudo, deixando, na história da inteligencía brasileira, o sulco imperecivel de seu clarão. Toda a atividade espiritual deste pesquisador infatigavel é uma aurora permanente, lançando cutiladas de luz nos recessos mais sombrios de nossa história. Durante decênios, ele foi o garimpeiro incansavel a sondar os filões de nossa tradição, mergulhando nas crônicas tumultuosas de nossas eras coloniais para retificar desvios, corrigir erros, aluir falsidades, na faina de clarear os meandros obscuros do nosso passado.

E foram de tal porte o valor de sua tarefa, as revelações de seu genio investigador, as contribuições de seu esforço fecundo, que o nome do Barão de Studart varou os quadrantes do nordeste, repercutiu em todos os angulos do Brasil intelectual, projetou-se alem das fronteiras, nos centros de ressonancia cultural do mundo.

A qualidade dominante desse grande espirito foi o amor paciente e fixo da verdade histórica, que surde, lentamente, da poeira dos documentos, do fundo dos arquivos, proporcionando essa infinita satisfação mental, que as vantagens materiais e as honrarias exteriores não compensariam jamais.

Alem de sua Obra entesourando o produto de uma atividade extraordinaria, aí estão os 50 volumes da "Revista do Instituto", como testemunho silencioso e rutilante de sua gloria, o pedestal imorredouro

de seu nome. Foi ele o trabalhador maximo do monumento, erguendo, pedra a pedra, durante meio seculo de labor, a consistencia indestrutivel dessa meia centena de livros, na renuncia e na obstinação luminosa dos verdadeiros homens de pensamento.

Não hesitaram ontem os colaboradores que já se foram e não hesitam hoje os que aqui ainda ficam, no reconhecer a grande significação moral dessa vida dedicada apostolarmente ao estudo do processo histórico de nossa formação. Foi o espirito de analise e critica, esmiuçando, aprofundando, comparando, discernindo, anotando, com prodigiosa memoria, o pormenor, a nuança, a minudencia, em sucessivas correções ao que a rotina repete como verdade e a incapacidade canoniza como dogma.

A Obra do Barão de Studart, com o documentario que a opulenta, oferece as bases de uma possivel interpretação panoramica do nosso passado, na perspectiva coerente de uma evolução social e politica que os metodos da sociologia moderna permitirão gizar com mais exatidão çientifica. Porque ele apurou o veio cristalino da verdade com a paciencia de um beneditino e a probidade de um sábio.

Não comparece diante desse tumulo, que se abre, apenas essa legião de conterraneos. Ela é somente o primeiro contingente de outras legiões, que se dispersam pela vastidão do país. Elas meditam, no *sursum corda* desta homenagem, que rompe da propria consciencia nacional, no valor do grande morto,—uma das mais puras glorias do Brasil, pela inteligencia e pelo coração.

O Instituto do Ceará continuará sua tarefa sob o signo de seu nome.

II

Do PROF. JOAQUIM ALVES

Senhores Membros do Instituto do Ceará
Meus Senhores
Minhas Senhoras.

Em nome da Sociedade Cearense de Geografia e Historia, apresentamos ao Instituto do Ceará, e á

familia Studart, a nota do nosso pesar pelo desaparecimento do Dr. Barão de Studart, uma das figuras mais representativas dos meios culturais do país.

Falar sobre a personalidade do Barão de Studart, é repassar, no decurso dos ultimos cinquenta anos, a própria historia da nossa patria. Tal a atividade desenvolvida pelo grande brasileiro dentro dos arquivos estrangeiros, tais as pesquisas realizadas nos nossos arquivos, nos cartorios, nas coleções de documentos particulares, com o objetivo de reconstituir a nossa historia, que atualmente ninguem poderá escrever sobre assuntos historicos do Brasil, notadamente do Ceará, sem recorrer ás suas fontes de informações.

Os resultados da sua tenacidade, capacidade de trabalho e organização, conjugados com uma inteligencia privilegiada, temos na sua notavel obra realizada, cujo patrimonio constitue para nós cearenses um dos nossos maiores titulos de gloria.

Quem-quer que manuseie a coleção da Revista do Instituto do Ceará, há de verificar o muito de dedicação, patriotismo e amor ás nossas cousas com que o Barão de Studart tratava e esclarecia os pontos controversos da nossa organização social, nos seus primeiros dias, quando o colonizador iniciava a fundação dos marcos da nossa historia, quando os homens não se preocupavam em deixar um leniamento cultural para os seus continuadores.

Investigando através dos documentos esparsos pelos arquivos do Brasil, no Maranhão, em Pernambuco, na Baía, primeiros centros sociais da nossa patria, transpondo os mares para permanecer interno na Torre do Tombo, em Lisboa, durante meses, nas bibliotecas da Espanha ou da Inglaterra ou da Holanda, o Barão de Studart pôde deixar ao Ceará uma das maiores, se não a maior obra historica do Brasil, pois não há quem, compulsando os nossos historiadores, não encontre, a cada instante, referencias ás Coleções Studart, á Historia do Ceará, á Geografia do Ceará, aos artigos publicados na Revista do Instituto do Ceará, na Revista da Academia Cearense, durante a sua primeira fase, trabalhos estes

em que o nosso historiador patricio esclarece aspectos mal conhecidos da nossa formação historica.

Não é, porem, senhores, somente no dominio da historiografia que vemos avultar a figura respeitavel, por muitos titulos, do Barão de Studart.

A sua figura moral, os seus conhecimentos cientificos colocaram-no em condições de prestar inestimaveis serviços medicos á população de Fortaleza nas grandes crises epidemicas, decorrentes das crises climaticas que nos assaltaram, ou de outras quaisquer causas locais determinantes. Ele foi o amparo da pobreza nos bairros pobres, nos dias calamitosos, quando a dor, a lagrima e o sofrimento habitavam o lar humilde dos nossos patricios.

Um outro aspecto não menos notavel, com que a personalidade do Barão de Studart se apresenta aos cearenses, é o religioso. A sua formação moral, as suas convicções catolicas, o seu exemplo de bom cristão, tudo isso constitue um dos seus titulos mais meritorios. Eu o conheci, quando mal iniciava a minha vida entre os livros e o trabalho, nessa tarefa de distribuir o bem, de levar ao pobre o conforto espiritual da sua assistencia.

Dentro das Conferencias de São Vicente de Paulo, de cuja obra foi um dos fundadores e dos mais fortes sustentaculos, congregou em torno á sua pessoa os Irmãos Vicentinos, incentivando-os a realizar no Ceará a obra de Frederico Ozanam, com o verdadeiro espirito de caridade cristã.

O que foi a sua atuação na vida religiosa do Ceará sabemos todos.

Tais foram, meus senhores, as qualidades e os meritos do grande historiador que vemos desaparecer. A sua memoria, porem, permanecerá, através da sua obra, dos seus exemplos, da sua dedicação ás boas causas.

III

Do DR. FERNANDO LEITE

Meus senhores:

O coração de minha terra compungida experimenta, no momento, uma destas sensações profun-

damente sentidas, ante o desaparecimento do maior dos seus filhos, casando-se, assim, à tristeza do sol, presente ao sepultamento do seu grande companheiro em projeções de luz salutar e vivificadora— o Barão de Studart, o sol da caridade.

Cearense que pela grandeza de seu porte e pelo porte de sua grandeza sempre soube merecer o título que lhe alcandora o nome, impondo-se ao respeito e à admiração de todos os seus compatriotas.

Senhores :

Meditemos, um pouco, sobre a vida do grande morto de agora, que, dentro em breve, será conduzido ao túmulo. Desdobra-se-nos, hoje, aos olhos, a mais bela página da História do Ceará, embora velada pelo manto triste da saudade. Página referta de lances faiscantes de civismo, de abnegação e de caridade, tríade belíssima de sentimentos que ornava e abrilhantava o cérebro e o coração deste grande luminar da intelectualidade patrícia. Página referta da vida de Guilherme Studart—o anjo tutelar das corporações vicentinas de minha terra. Página referta, enfim, de todas as realizações patrióticas do Barão de Studart, o historiador, do Barão de Studart, o médico, do Barão de Studart, o apóstolo.

Como historiador, sempre e sempre, foi o incansavel defensor de nosso patrimônio histórico. O baluarte de defesa de nossas justas e legítimas prerrogativas de povo culto, intrépido e batalhador.

Como médico, o incentivador pertinaz da vida clínica e científica no nosso meio, o fundador e o primeiro presidente do Centro Médico Cearense, orgão de controle da classe, seja no ponto de vista clínico, científico ou deontológico, e, ainda como médico, e já no caminho para o apostolado, a bandeira de guerra desfraldada ao sabor da brisa cearense, conclamando os governos do seu tempo ao combate, à repulsa ao mal de Hansen.

Como apóstolo, sublime a sua personalidade. Mãos abertas, olhos alerta e vigilantes à sorte da gente pobre do Ceará. Que o diga a pobreza, em cujos tugúrios tantas vezes entregou o pão, em cujas mãos mirradas tantas vezes entregou o óbulo civi-

camente, vicentinamente. Que o digam as estrelas, que, por muitas vezes, lhe guiaram os passos alquebrados pelos anos, mas fortalecidos pela fé, através de ínvios caminhos, na realização filantrópica de sua sublime missão de amor aos desherdados da sorte. A sua morte representa, pois, uma grande perda, que é bem o reflexo do muito que fez em nosso prol, na sua belíssima caminhada cívica sobre a terra. A sua morte é bem o início de sua própria imortalidade, porquanto nos deixa um legado precioso de glórias, de exemplos e tradições, que servirão de padrão para o Ceará de hoje e de amanhã, sempre cioso de homens do feitio moral e intelectual de Guilherme Studart.

Venerando colega:

Recebei o adeus ungido da mais pura saudade dos vossos colegas do Centro Médico Cearense, neste momento ao extremo consternados, diante do golpe que vos levou às eternas regiões iluminadas onde pontifica Deus. Lá, estamos certos, a mão do Altíssimo pousará sobre a vossa fronte veneranda, porque levastes os dias unicamente a fazer o bem. *Pertransit benefaciendo.* Conforta-nos a dor de vossa perda a certeza de que repousareis nas mãos de Deus eternamente. Ide com os anjos aos céus, como prêmio do bem que fizestes sobre a terra. E já estamos a ouvir a doce melodia do hino angelical com que celebrarão no céu a vossa ressurreição, a vossa própria imortalidade!

NA SESSÃO FUNEBRE

I

DOS NOSSOS O MAIOR

Do DR. ANDRADE FURTADO
(REPRESENTANTE DO INSTITUTO DO CEARÁ)

O emerito presidente do Instituto do Ceará, Barão de Studart, há um mês desapareceu do nosso convivio...

Tendo partido para a Eternidade, está presente aqui, todavia, na permanencia invisivel do seu patrocinio tutelar.

Tudo fala, em torno de nós, silenciosamente, do querido e saudoso chefe.

A minha palavra comovida tenta traduzir, neste instante, a profunda emoção, que nos domina, vendo vazia, em derredor dessa mesa, a cadeira principal, por ele ocupada...

Só, na verdade, a morte seria capaz de forçá-lo á quebra daquela pontualidade eximia nos deveres inerentes aos pares efetivos desta associação.

Enfermo, gravemente enfermo, era ao pé do seu leito que iamos discutir os interesses da sociedade, a que dedicara a melhor porção das suas energias espirituais.

A sua presença ás resoluções tomadas tinha para nós o efeito de uma garantia de autenticidade.

Ninguem havia de errar, por ventura, diante daquele que primara, desde a mocidade até a velhice, em agir com acerto...

O Barão de Studart professava a crença na imortalidade. Era um temperamento afeito ás investigações da ciencia, iluminada pelos esplendores da fé.

A sabedoria, distanciada de Deus, é, de fato, uma ilusão.

Ele foi, assim, um cultor de altos estudos, na perfeita expressão do termo.

A celebridade que conquistou, nas suas extenuantes pesquisas profissionais, não tinha o sentido efêmero das glorificações humanas.

A perenidade que ambicionava era bem mais nobre e expressiva, que a das homenagens dos transeuntes deste pobre mundo, frivolo e passageiro...

O dogma da ressurreição, para a plenitude do gôzo beatifico, enchia de viva esperança a sua alma eleita, atraída ao Altissimo pelo fascinio das promessas de Cristo.

A sua fidalguia exterior indicava, maravilhosamente, o esmero de uma educação vazada nos moldes da mais fina aristocracia moral.

Foi um vulto de predominancia inofuscavel entre os seus semelhantes, pelo saber, pelo carater, pela bondade.

O nome do egregio polígrafo captou, bem cedo, de quantos cultuam a literatura patria, admiração espontanea e todo o respeito.

Os seus trabalhos de investigação nos arquivos coloniais são modelos de solicitude e carinho pelos feitos assinalados que atestam a predestinação do nosso itinerario para a esfera que nos compete, no quadro das potencias ocidentais.

No setor da sua especialização cientifica, granjeou o mais justo e enaltecido apreço, figurando na primeira linha da galeria de luminares da nossa intelectualidade.

Participou de todas as notaveis jornadas civicas do seu tempo, tendo em vista a exaltação das nossas credenciais de nação progressista e cristã.

Viu cercada, destarte, a sua pessoa de consideração popular e de estima publica.

Católico esclarecido e militante, dirigiu, em nosso Estado, as mais belas iniciativas da Igreja, no campo da beneficencia á pobreza.

Combatente destro e intemerato da Boa Causa, na arena doutrinaria, foi, ao mesmo passo, assíduo e magnanimo benfeitor dos necessitados, segundo a inspiração de fraternidade do Evangelho.

Para os homens de coração, formados na escola do amor ao próximo, o preclaro titular da Caridade teve, nessa faceta primorosa da existencia, o seu mais irradiante poder de fascinação.

A perfeição dos sentimentos sobreleva o brilho do talento e a solidez da erudição do infatigavel beneditino da bibliografia indigena.

Tivemos a fortuna de conhecer, de perto, o precioso tesouro das virtudes austeras desse varão de Plutarco, que o Cristianismo dulcificou, esplendidamente, nos inefaveis ensinamentos do seu imprescritivel e augusto magisterio.

Privámos da intimidade do Barão de Studart, e bem sabemos devidamente aquilatar a delicadeza e ardor dos seus anseios, em atender ás necessidades dos desprotegidos da sorte.

Os seus discursos nas assembléias gerais da Sociedade de S. Vicente de Paulo, em meio seculo de atividade apostolar ininterrupta, não são apenas afirmações de eloquencia equilibrada e de provecto bom senso, no trato d'arte oratoria. Revelam, ainda, e antes que tudo, a serena e firme preocupação de realizar, decididamente, assistencia social, segundo os métodos e as diretrizes do Pontificado Romano. Essas magnificas e despretensiosas alocuções formam a parcela mais natural e mais emocionante da sua numerosa e fecunda produção literaria. Foram lições que hão de perdurar, nas paginas da «Revista Vicentina», de Fortaleza, como os fastos reais de uma instituição providencial, a que o Barão de Studart ligou a sua distinção nobiliarquica e a sua inconfundivel personalidade, de maneira tão notoria e edificante.

Tendo militado nas Conferencias do Ceará, desde os primordios da sua carreira triunfal de clinico reputadissimo, até a exausta e cansada ancianidade, demonstrou, em todo esse longo tirocinio, o cuidado de cumprir, escrupulosamente, os dispositivos regulamentares, sem se afastar, nem de leve, do espirito

infundido por Frederico Ozanam, na sua organização da mais alcandorada e opulenta pureza de idealidade.

Nas épocas de crise climática, intensificava-se o ministerio de socorro ás populações flageladas. Era, então, de comover e louvar a inquietação do prestimoso presidente do Conselho Metropolitano, a sugerir minuciosas medidas de prevenção, para que se desse o milagre costumeiro, com que Nosso Senhor, na sua infinita misericordia, multiplica os recursos de amparo a um povo sofredor e resignado, que recebe a alegria e a fartura dos invernos, como a tribulação e a penuria das sêcas, com a mesma fé e a mesma confiança no Deus do seu amor!

O «Centro Medico Cearense», por dilatados anos, mereceu, tambem, a munificencia do seu desvelo incomparavel. Na direção daquele douto sodalicio de classe, o Barão de Studart mantinha o contacto com a ciencia que abnegadamente exercitou, qual se fôra um sacerdocio, da juventude á madureza da vida. A sua passagem á frente dessa instituição marcou para ela uma época de prestigio invulgar, fazendo que repercutissem longe os ecos dos debates, ali travados.

Foi, porem, sem receio de equivoco, o «Instituto do Ceará» que atraíu as preferencias do indefesso perquiridor das memorias de antanho, num esforço inaudito, para manter a continuidade das nossas tradições dignificantes.

Por menos remotas que fossem as nossas origens historicas, reclamava este persistente labor, provada paciencia e uma envergadura de tenacidade sobrehumana, para conduzir a bom termo a tarefa exaustiva de apurar, com fidelidade e clareza, o depoimento dos que mergulharam na noite dos tempos, sobre os fatos principais da nossa evolução social e politica. Nessa herculea empresa, o Barão de Studart decidiu, desde cedo, empregar o vigor da sua prodigiosa intuição psicologica.

Daí a razão soberana por que o presidente perpetuo desta colenda corporação cientifica foi, por todos nós, proclamado—seu grande benemerito.

É, assim, em todo o ponto, compreensivel a re-

compensa excepcional conferida aos seus incontestaveis merecimentos, com a designação de membro honorario e de correspondente de inumeras sociedades, do país e do estrangeiro, bem como de todos os Institutos Historicos e Geograficos do Brasil.

Por tudo isso se pode asseverar, sem mêdo de exagero, que não há, entre nós, escritor de maior notoriedade que o Barão de Studart.

A sua bagagem bibliografica eleva-se a 139 trabalhos de reconhecido mérito.

«Datas e Fatos para a Historia do Ceará», abrangendo os periodos de Colonia, Provincia e Estado, três volumes de sólido contexto, valeram do erudito jesuita, padre Carlos Teschauer, um parecer que enaltece a projeção, na Alemanha, desse monumento de preciosidades inesqueciveis.

«Documentos para a Historia do Brasil e especialmente do Ceará», em quatro tomos, justificaram, em nossos circulos pensantes, a fama do autor, no terreno da sua predileção.

«A Confederação do Equador no Ceará» é outra insigne contribuição do ilustre morto para os anais da historiografia nacional.

O seu «Dicionario Bio-Bibliografico Cearense» é obra de indiscutivel préstimo, para quantos colocam, na devida eminencia, os expoentes do nosso patrimonio cultural.

Do Barão de Studart podia, pois, afirmar, de pleno conhecimento e com absoluta autoridade, o homem mais competente do Brasil, nesse genero de indagações, Capistrano de Abreu, sabio autentico, que só não sabia lisonjear:

«Dos socios do Instituto do Ceará nem um se avantaja ao Dr. Studart, em dedicação á historia do torrão natal. Os outros cultivam-na nas horas vagas; ele abandonou tudo para entregar-se a ela. Pesquisas aturadas, viagens aquem e alem-mar, copias dispendiosissimas, quando ele proprio não as podia extrair, a montagem de uma oficina tipográfica para impressão dos seus escritos, ainda não esgotam a lista de tudo quanto tem feito.»

Esse panegirico original do Barão de Studart pelo excentrico e sempre arisco, em materia de louvores, critico cearense, é bastante para dar a noção da perda que sofremos e que tanto nos consternou, ao ver baixar á sepultura o nosso mestre, guia e amigo.

Desde o prelio dramatico da Abolição, que cobriu de inextinguiveis fulgores a Terra da Luz, do qual participou, com enlevo e entusiasmo, o jovem orador, aplaudido das turbas ansiosas pela vitoria da liberdade, até os imponentes festejos comemorativos do cinquentenario do Instituto do Ceará, em que a sua voz entrecortada e combalida desferiu o canto do cisne, rememorando, em sessão solene, os episodios da fundação desta comunidade, que amava com todo o calor do peito, sempre viveu o Barão de Studart envolvido nos acontecimentos que refletiram as magnificencias de nossa refulgente e honrosa cronologia.

As suas constantes e apreciadas colaborações para as paginas da «Revista do Instituto» falam, mui eloquentemente, da extraordinaria capacidade de trabalho do incansavel historiógrafo, a quem Vieira Fazenda chamou «o Alexandre Herculano do Norte do Brasil».

Octogenario e alquebrado de saúde, vemo-lo, ainda, á frente do seu posto de orientador arguto e probidoso da Historia do Ceará.

Imobilizado pelo sofrimento, quando afinal cedeu á rudeza da molestia que o vitimou, faziamos, regularmente, as nossas tertúlias, no amplo solar hospitaleiro da sua residencia, sempre aberta á recepção dos correligionarios em letras e porfias.

E quanto, tambem, padeciamos, nós todos, diante da sua figura cambaleante, ferida, já, pelo raio da morte, vendo-a caminhar, com passos incertos e mal seguros, á beira do sepulcro...

Inválido e sem animo, era para os seus companheiros de cruzada um simbolo desses heróis, que os biógrafos costumam apresentar, para exemplo e estímulo de coevos e porvindouros, na forma clássica dos super-homens.

Mesmo em ruína, como um cedro tombado sobre a floresta que o circunda, guardava a majestade da sua compostura inalteravel, no aprumo com que, afinal, caíu sem forças, cedendo á fragilidade da natureza...

O Instituto do Ceará, na manhã de hoje, trigesimo dia do traspasse do inolvidavel consocio-fundador, reuniu-se á familia e amigos, para, junto ao Altar, assistir ao santo sacrificio da missa, celebrada na intenção do sumo dignatario desta casa, o qual terminou a sua tarefa, conscienciosamente cumprida, padrão de honradez e integridade, a edificar gerações sucessivas.

Honrar e enaltecer os brasões de que se deve orgulhar a nossa raça, constitue um dos imperativos do programa desta instituição.

Tratando-se do Barão de Studart, dos nossos o maior, vulgarizador estrênuo dos fatos importantes e das personalidades de relevo, em nosso ambiente cultural, bem se pode perceber a que alto nivel de carinho queremos elevar esta demonstração do nosso preito de reverencia e reconhecimento á memoria do veneravel patriarca das grandezas do Ceará.

Esta sessão magna, em que nos sentimos sinceramente confortados com a solidariedade e o apoio das organizações de pensamento da nossa capital, é a primeira das muitas oportunidades que o Instituto encontrará, no decorrer da sua trajectoria, de agora por diante, para bendizer e exaltar o nome do excelso patriota e consagrado mentor, por todos os motivos, unido, indissoluvelmente, á vida e á projeção, dentro e fora do país, deste departamento índice do dinamismo mental, na Terra de Alencar.

É uma obrigação pungente para a nossa saudade, bem o sabemos. Mas as plantas que se cultivam no canteiro do coração, como aquelas arvores de que fala o alegorista oriental, tendo raizes tão amargas, produzem os mais doces frutos...

A posteridade tirará deste nosso pesaroso mister de trazer em constante evidencia o perfil inapagavel do meritissimo cidadão, cuja lembrança nos mareja de lagrimas os olhos e nos faz emocionada

a voz, os mais salutares beneficios, pois são os vultos de tal porte, no curso das idades, que marcam os rumos do porvir aos povos conscientes dos seus gloriosos destinos!

II

Do PE. DR. MISAEL GOMES
(REPRESENTANTE DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS)

Exmo. Sr. Interventor Federal
Exmas. Senhoras
Meus Srs.

Terra do Sol, Terra da Luz, guarnecida ao norte e nordeste pelas aguas do Atlântico, nos outros pontos pela extensa cordilheira da Ibiapaba, que se desenvolve em curvas de denominações várias até ponta do Mel: o seu contôrno geográfico amolda-se à forma de um coração, que não chamo grande, porque o qualificativo caberia melhor à forma do país; entretanto, não padece dúvida, o Ceará é outro coração dentro do coração do Brasil. Os seus filhos o estremecem.

Testemunha a solenidade enaltecida com a presença aquí do Exmo. Sr. Interventor Federal e de outras autoridades civís, religiosas, militares; a pompa desta noite, em que anda a memória do morto e imortal cearense que nutriu, na magnitude do seu coração, a semente redentora de grandes ideais.

Eis-me que venho em nome da Academia Cearense de Letras. «Ainda quando as Academias particulares não tivessem outra vantagem mais do que a de inspirar a sociabilidade, gerar o amor do trabalho e fazer criar o gosto pela cultura do espírito, ainda em tal caso seriam elas um instrumento de civilização. Mas é incontestável que outros bons resultados apresentam...» (1) Renan, em 3 de Abril de 1879 na Academia Francesa, pôde dizer: "Reunir os homens é estar bem perto de reconciliá-los, é, pelo

(1) Silvestre Ribeiro sôbre Acadêmicos dos séculos XVII e XVIII.

menos, prestar ao espírito humano o mais assinalado dos serviços, por isso que a obra pacífica da civilização resulta de elementos contraditórios, mantidos face a face, obrigados a se tolerarem, conduzidos a se compreenderem e quasi a se amarem.»

Meus Srs.

Fiou-me a Academia Cearense de Letras aquí tecer uma coroa. Ir à posteridade pelas suas ações, suas doutrinas, seus escritos, merece ser coroado, bem merece.

A minha coroa, permití dizer, é de saudades. Não alcanço o elogio ou a oração fúnebre, nem desdobrar quero aos vossos olhos painel acabado; quero, sim, dentro da nossa história, poema de dor e de grandeza, render preito de homenagem, culto sincero à memória daquele que, pelo espírito e pelo coração, pelos trabalhos do gabinete, da cátedra, da tribuna, da imprensa, e por sua Obra de caridade, consagrou, mais uma vez, a aliança de ouro da Ciência e da Fé.

I

A TRÍADE GLORIOSA

Meus Srs.

Galardoou-nos a Providência concedendo que, em todos os ramos da atividade, se nos deparassem coestadanos digníssimos. Singular realce merece sem dúvida a tríade gloriosa de José de Alencar, Capistrano de Abreu e o Barão de Studart. «Na história da civilização das nações em particular, como na da humanidade em geral, há sempre grandes caracteres ou grandes inteligências, que são como os precursores ou verdadeiros criadores do pensamento de novas eras, e ao historiador cumpre descortiná-los.» (2)

José de Alencar encontrou a expressão suprema da linguagem brasileira na criação de tipos que se impuseram, Cecí, Perí e Iracema; na escolha do seu vocabulário, que sabe às frutas resinosas, mas

(2) Warnhagen—Hist. Ger. do Brasil.

doces, da zona equatorial; no brilho das suas imagens, que lembra os nossos altos céus luminosos e a perspectiva das nossas distâncias, cujo fundo azul é o perfil das serras; na música da sua frase, que recorda a sonoridade de nossos bosques e a suavidade do cicio de nossas brisas.

Ao lado de José de Alencar, Frânclim Távora, o romancista, e Farias Brito, o filósofo; mas ninguém superou a Capistrano de Abreu, o historiador.

Nascido no município de Maranguape, cultura polimorfa, bibliografia mais vasta do que a de Warnhagen, conheceu tôdas as ciências subsidiárias, senão ainda correlatas da História; inimigo das superfluidades, jamais as escreveu; original, criou no país a ciência histórica, atingindo as raízes como verdadeiro filósofo especializado. De julgamento conscencioso, deu o seu a seu dono; espírito de síntese, nos *Capítulos da História Colonial* disse tudo o que outros disseram com multiplicidade de livros; crítico exigente e penetrante, joeirou documentos; de espantosa erudição, esgotou os assuntos colimados. Estilo cheio e linguagem correta esmaltam as suas obras. (3) Capistrano de Abreu, consagrando-se ao estudo dos acontecimentos brasileiros, coroou-se de glória; porém o Barão de Studart é credor do nosso reconhecimento como historiador do Ceará.

«O traço todo da vida é para muitos—dizia Joaquim Nabuco—um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual êste terá sempre de se cingir sem o saber...» Guilherme Studart depois do Ateneu Cearense, engenho ainda juvenil, logrou medalha de ouro no Ginásio Baiano. Agraciado com o título de "Barão" por S. Santidade Leão XIII (1900), por vezes na imprensa abraçou causas que entendiam com o sacerdócio da Medicina, mal obtivera, desde 1877, láurea com distinção; ou assuntos de interêsse público, como a causa emancipadora dos escravos, na qual redigiu o manifesto do "Centro Abolicionista", fundou a sociedade "25 de Dezembro" e mereceu, fora de tôda violência, ombrear com os le-

(3) P. Misael Gomes—Disc. de recepç.

gionários de 84, a mocidade patrícia, inquieta pela solução gloriosa do problema; maxime, porém, questões através dos vários setores da História.

Conquanto não fôsse espírito dispersivo, mas ciclópico, publicou muitos trabalhos, sôbre medicina, história, geografia, religião, jornalismo... «Dêle se pode afirmar que foi, na verdade, uma grande árvore carregada de bons frutos e em cuja sombra acolhedora todos podiam repousar. O Ceará deve-lhe tal ordem de serviços, pelo que revelou, pelo que descobriu, pelo que fixou, que jamais compensará tantos esforços, tanto amor à gleba, tanto desejo de servir. O Barão de Studart serviu, bem poderia ser seu epitáfio.» Foram estas as palavras com que, entre outras encomiásticas, noticiaram o seu desaparecimento todos os órgãos da imprensa na Capital Federal. Mais concreto e positivo, direi :—Êle serviu à Pátria e honrou as letras.

Não vos estranha, Srs., a epopéia deslumbrante do século XVII em que, à feição dos caravaneiros do Saará, os paulistas leguas e leguas entraram pelo sertão. Na caminhada da bacia sanfranciscana rumo a Pôrto-Seguro e Espírito-Santo, demandaram a serra das Esmeraldas. A muitos envenenou-os a putrescência dos grandes charcos ; a outros perdeu-os o ouro fatal que revelaram ; mas, dos mamelucos à frente, após sete anos de lutas, Fernão Dias Pais Leme volta.

«Com que amor, contra o peito a sacola de couro
Aperta, a transbordar de pedras verdes!...» (4)

O Barão de Studart é o Fernão Dias Pais Leme da nossa História. Míope, enterrando os olhos na poeira dos arquivos da Tôrre do Tombo, da Biblioteca Nacional, de Lisboa, Madrí, Sevilha e Roma, esmerilhando hieroglifos qual novo Champollion, por entre verdadeiros enigmas desentranhou, com tôda a paciência, um sem-número de documentos, que hoje esclarecem o nosso passado.

«Com que amor, contra o peito a sacola de couro
Aperta, a transbordar de pedras verdes!...»

(4) O. Bilac—Caçador de Esmeraldas.

Riquíssima a coleção Studart de manuscritos, tantas vezes acariciada do seu coração, ora legada por testamento ao Instituto do Ceará. «A nossa História é cheia de emocionantes episódios, de dúvidas que despertam e prendem a curiosidade, de lendas poéticas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade dos estudiosos.» (5) Conforme Eusébio de Sousa, um dos seus íntimos, o Barão é autoridade que não poderá jamais ser esquecida em qualquer dúvida da história cearense. Foi o mais tenaz e ativo da falange de escritores patriotas como Paulino Nogueira, Joaquim Catunda, João Brígido, Antônio Bezerra, Perdigão de Oliveira, Tristão de Araripe, Cruz Abreu e Eusébio de Sousa. As suas revelações extraordinárias, o contingente e lapidação do seu esfôrço minerador, o tesouro de sua longa experiência, critério e bom senso, o desenvolvimento e pêso de tôda a sua obra, agigantaram-se aos olhos da cultura mundial.

Associações abriram-lhe as portas, aureolado o seu nome por quasi meia centena de sociedades literárias e científicas. A Academia Cearense o incluíu "sócio efetivo" desde o quadro da fundação (15 de Agosto de 1894), elevando-o, por último, ao Quadro de Honra, da mesma sorte que era o Presidente Perpétuo e Grande Benemérito do Instituto do Ceará, por muitos anos seu máximo esteio, sustentáculo, a sua alma e a sua vida.

«Indo pelo bom caminho,
Não se me dá de ir sozinho.»

Um jovem e inteligente jornalista conterrâneo escreveu, em começos do ano passado : «Estava, certa vez—disse êle—, em companhia de um professor meu amigo, cujo espírito se inclina ainda hoje à ironia leve e à crítica inofensiva, quando se me aguça a curiosidade ao passar perto de mim a pessoa veneranda de um velhinho míope, trajado em fraque e como que alheio ao movimento urbano das ruas. Indaguei :

(5) Eduardo Prado—Coletâneas.

—Quem é êle ?
—Êste homem ?
—Sim.
—Não conhece? é o Instituto Histórico do Ceará...
—E onde funciona êsse Instituto ?
—Ora! Claro que na casa dêle. . .

Foi esta a primeira oportunidade—acrescentou —que tive de conhecer, em pessoa, o respeitável e culto amante das nossas tradições, que é o Barão de Studart.»

Deveras, êle se dedicou ; perquiriu genealogias; exegeta, analisou os governos, criticou os colonizadores, esboçou-lhes o perfil ; observador e narrador de fino quilate, historiou povoados, vilas, cidades, e profundou o clímax da matéria. Tanto que os 50 volumes da Revista do Instituto, que colaborou ou dirigiu à luz de acendrado amor, é um seminário de idéias, tesouro dos garimpeiros, faiscadores, mineradores de documentos, sendo já escusado mendigar pelos alfarrábios do país ou pergaminhos estranhos, o *mel inebriante* que nos conforte na concatenação da mor parte de fatos desenrolados neste trecho de nossas algaras, cenário das lides. Na Revista do Instituto, a curiosidade investigadora encontra o que revelou o testemunho de arquivos raros. Um escrínio de informações cearenses, onde o antigo ostenta cabedal de novas luzes, e se fincam alicerces para monumento : o grande livro da Pátria. (6)

II

ANJO DE CARIDADE

Tudo isso parece muito, acredito, mas as suas produções religiosas são ainda documentos que atestam, sôbre a pujança intelectual, a sinceridade com que o Barão de Studart manifestou de público as suas idéias.

«É preciso, afirmou Leão XIII, tomar como norma de vida, que não basta ser cristão de sentimento; porém necessário é professar essa crença, franca, clara e abertamente.»

---

(6) P. Misael Gomes—Hist. e Lit.

Tão inestimável o tesouro da Fé, que sem ela, diz São Paulo, é impossível agradar a Deus. Em 1831 Frederico Ozanam, com 28 anos de idade, chegara a París, a alma sacudida por dúvidas contra a Fé. Cruzando ante a igreja de S. Estêvão, sentiu-se chamado instintivamente ao templo. No lugar santo, um ancião lá estava, de joelhos, rezando o terço ao pé do altar. Aproxima-se Frederico e descobre naquele homem piedoso inconteste notabilidade, Ampère, físico e matemático genial. Vêde, Deus serve-se de um raio de luz, um fio de luar, um acidente mínimo talvez, para esclarecer caminhos de Damasco. O exemplo aproveitou. Todas as dúvidas esvaeceram-se, para substituí-las uma fé viva e operosa, cujos resultados triunfantes prosseguimos a admirar. No entanto, Ozanam comprazia-se no dizer: «O rosário de Ampère teve mais fôrça sôbre mim do que os livros e sermões.»

O seu discípulo perfeito, o Barão de Studart, já nem dúvidas concebeu, dúvidas contra a Fé. Não me constam. A dúvida nasce da inópia ou deficiência dos conhecimentos, e êle estudou, estudou e trabalhou *pro aris et focis*, por Deus e pela Pátria.

Meus Srs.

O primeiro cearense emigrou da terra em que se deviam forjar os nervos e a tenacidade dos conquistadores amazônicos; pois neste ângulo do Nordeste, onde vicejaram caatingas além dos cactos e palmáceas, muitas vezes o sol abate, o calor sufoca, as árvores esgalham esqueletos e os pássaros, erradios, caem já. Enxuta a linfa vivificante, o sertão retorce-se, a terra toda geme, crepita sob um céu de fogo.

A famigerada sêca, abutre colosso, duas asas sinistras espalma—fome e peste. E no tempo mesmo em que o bochorno assola, toda a farândula de misérias passa, em meio da desolação, do terror. Verdadeiro aniquilamento!

1877. Foi nessa quadra aflita, cingindo-se de acúleos e enxugando lágrimas, que o jovem Guilherme se viu armado cavaleiro. Tantos infortúnios abalaram entranhas do clínico humanitário, que, na di-

ligência entre os colegas mais ardorosos, fez-se Gedeão.

Ninguém enxerga tão nítido quais olhos que já choraram. O mártir, abnegado da ciência, transformou-se em anjo de caridade, da que mais tarde (1885), nas hostes Vicentinas, e já Presidente (1889), exerceu anos a fio. Se o espírito opulenta-se com o que adquire, o coração enriquece com as suas dádivas. Não sei de maior discípulo do fundador das Conferências de São Vicente, do imortal Ozanam!

Atendei. A espôsa dêste último, ao aproximar-se a viagem eterna, já não lograva subir a uma certa e determinada escadaria, sem temeridade. O marido estabeleceu-lhe, por baliza de devotamento à causa dos pobres, o 3º. ou 4º. andar.

Frederico, porém, ainda moço (já que sucumbiu logo depois dos 40, abatido pela sêde do ressurgimento moral da França, que acabou por consumí-lo), principiava a lutar com dificuldade em tudo igual à de sua espôsa.

Quis a bondosa senhora incliná-lo, suave, ao mesmo compromisso, ao que anuíu o eminente apóstolo da caridade, e negociaram avença cordial entre os dous.

Com poucos meses, ao visitar um dos seus numerosos amigos, constou-lhe que, naquela mesma habitação, enfermava uma pobrezinha, inteiramente abandonada de todo auxílio, no 6.º andar.

O coração de Ozanam estremeceu, mas, resolvido em silêncio, sobe arquejante os dous andares defesos em virtude do contrato. Entra e logo se lhe depara uma senhora à cabeceira da infeliz.

Era a espôsa de Ozanam, que, levada por causa idêntica, também havia desfeito o compromisso, sem pretender revelar ao espôso.

Como êste, o Barão de Studart procurou seguir o Divino Mestre, que passou a vida a fazer o bem. Cinquenta anos a sacrificar-se, o coração diamante inalterável, o corpo é que envelhece: exausto caíu sôbre o montão de palmas e grinaldas que merecera. Resolve abnegar a suprema direção das Conferências de S. Vicente de Paulo no Ceará.

Dir-se-ia verdadeiro arsenal, elas já parecem um arsenal de fôrças prestadias à humanidade, em cujo estudo me não detenho, embora acentue que, durante tantos anos, sempre ressumbrou o trabalho meticuloso do Barão e um afeto iniludível à Obra a que não poupou estímulo, não regateou apoio e benemerência, entrelaçando o seu nome com o de quasi todos os institutos filantrópicos do Estado, dentre os quais gozou vantagem o Instituto Pasteur, além do Centro Médico Cearense, de que foi espírito animador, o seu primeiro presidente.

É mais nociva a ferrugem do ócio do que o ardor do trabalho, pelo que, com afastar tôda violência no reprimir, às idéias opôs idéias; a sentimentos opôs sentimentos; a espírito público, espírito público; à abundância do mal, a abundância do bem; à constância em dissolver, constância em unir; à tenacidade em transformar, perseverança em organizar. Ativo e produtivo, retemperou-o a Fé, tônico poderoso do caráter, que nele encantou, atraíu e culminou.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

Apareceu uma ciência falsa no seu critério, que classificou Jesús-Cristo entre os mitos. Porém, meus Srs., «os mitos nunca fizeram vicejar os lírios da virgindade, brilhar a grandeza da humildade, admirar os triunfos do perdão, pompear os troféus do sacrifício, dominar as conquistas da caridade». São dessas vozes que sobem de um túmulo ainda mal fechado, os exemplos e lições de tôda a vida do Exmo. Sr. Barão de Studart.

Quem não conhece? Uma parte dos nossos erros vem da falta de luz, porém muitos nascem dos ouropéis ou falsas luzes que apresentam. Ora, nas questões da matemática, nos arrojos da astronomia, destaca-se Leverrier, que alcançou o ponto do firmamento onde Netuno, último dos planetas conhecidos, estaria a traçar a sua elipse majestosa. Católico Leverrier, entronizou solenemente no Observatório de París a imagem do Divino Crucificado.

«Raio de sol passando fugitivo na tangente dêste orbe, ao qual trouxeste liberdade e progresso...»

(7), não foste, ó cruz, o marco miliário de tôda a civilização brasileira?

Descartes, Pascal, Malebranche, Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, D'Aguesseau, Corneille, Boileau, Racine não apresentam o que a filosofia tem de mais sublime, as ciências de mais exato e profundo, a moral de mais puro, a eloquência de mais comovedor, as letras de mais elevado e perfeito, unidas tôdas essas luzes na submissão à Fé?

«Longe de sentir-me jungido pelas minhas crenças—confessou Lapparent—, pretendo invés ter encontrado um apoio seguro para a prossecução dos meus trabalhos.»

Ainda, no seio da classe médica não o devo esquecer, ninguém maior do que Pasteur, que sem ser médico, foi o renovador da filosofia zoológica e transformador da própria medicina. Colombo multiplicou a terra: Pasteur multiplicou a vida. Também católico Pasteur, era visto quotidianamente a recitar o seu terço, no início de geniais trabalhos.

Está claro, pois, que a verdadeira ciência não é inimiga de Jesús-Cristo. De modo algum. Ela o homenageou no Observatório de Leverrier, no Laboratório de Pasteur, no espírito de Lapparent, na inteligência de muitos sábios, e no coração terno — o coração magnânimo de S. Excia. o Sr. Barão de Studart.

Da História notável bandeirante, nas páginas da História ressurgirá; sábio e santo, na paz do Céu há-de viver! *Thesaurizabit super illum scientiam et intellectum justitiae:* o Eterno enriqueceu da ciência e da inteligência da justiça...

PERORAÇÃO

Srs. do Instituto do Ceará,

Srs. da Academia Cearense de Letras, que aquí me enviastes,

Srs. do Centro Médico Cearense:

Pois que a morte não é fim, «a morte não ex-

(7) A. Herculano—A cruz mutilada.

tingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima» (8), de hoje em diante, mais do que nunca, sejamos discípulos do varão ilustre, o operário incansável de vigorosos cometimentos, que o Ceará purificado nas provações deu ao mundo, a Religião subiu-o a Deus. Pois que o sepulcro não é noite (alvoreja luz de eterno dia), deixemo-nos estar, que do firmamento agora o seu espírito luminoso expande as asas para encher de claridades as últimas devesas da Pátria.

Não lembra o Ceará a Fênix, tôdas as vezes que êle ressurge de suas próprias cinzas? Desvanece-nos. Mas, se em parte o homem se faz e as nações são obras de si mesmas, — cearenses, acastelados na fé que desce do Céu, na esperança que alentou os nossos maiores, e no amor do berço de que foi nobre exemplo o Sr. Barão de Studart, possamos, por entre consagrações de imortalidade como a de hoje, cantar da Terra de Iracema, Terra dos verdes mares, o hino triunfal de sua perene ressurreição!

Disse.

III

Do DR. JURANDIR PICANÇO

(REPRESENTANTE DO CENTRO MÉDICO CEARENSE)

Barão de Studart morreu, deixando uma trajetoria de luz, de trabalho, de saber e de bondade, como se tivesse vivido repetindo sempre o preceito retilineo de Kant: «Age de tal sorte que a razão de tua ação possa ser erigida em uma lei universal.»

É que dentro da moral cristã que ele seguiu em todos os tempos se contêm já cristalinas todas as verdades que as diversas filosofias tentam descobrir.

No dia 25 de março de 1913, Barão de Studart presidia á sessão solene de instalação do "Centro Medico Cearense". 25 anos depois, no dia 25 de setembro, toda a classe medica e todo o Ceará pranteavam-lhe, com sinceridade e veneração, o trespasse

(8) Rui Barbosa—Machado de Assiz.

sentido, porque ele que fôra grande medico se tornara maior cidadão, valendo sozinho por um dos mais ricos patrimonios de intelectualidade e de virtude de nossa terra.

Cesar Cals, o culto, dinamico e valoroso presidente do "Centro Medico" atual, assim lhe traçara o perfil:

> «Barão de Studart—o titulo nobiliarquico que lhe fôra outorgado como premio á sua imensa benemerencia, ajustou-se como uma luva á sua personalidade de escol. É que Barão de Studart era o aristocrata natural do merito. Em seu brazão, uma unica palavra esculpida em letras de luz— Virtude. Seu lema—cultivar a inteligencia privilegiada para melhor servir a Deus, á Patria e á Humanidade. Coração bonissimo, candidez de sentimentos, caridade cristã, alma de apostolo. Nobre, honrado e digno. Simbolo do medico cearense.»

Foi assim, meus senhores, que a presidencia do Centro Medico, que sintetiza, hoje, em suas idéias e em suas ações, o pensamento da Classe, compreendeu e sentiu a grandiosidade da vida de Barão de Studart. E é sob esse aspecto que a personalidade do morto insigne é reverenciada pelo Centro Medico, o qual o escolheu como paradigma da classe e da profissão.

Ele que foi o seu primeiro presidente, a vontade dinamica, a orientação serena e a atividade construtora, fôra seu Presidente de Honra e Presidente Honorario do 1º. Congresso Medico Cearense, e, ainda em vida, exalçado por todos os seus pares e proclamado o modelo augusto da dignidade medica cearense, tivera o seu retrato solenemente aposto na sede do Centro, na sinceridade de uma veneração votiva e educadora.

Dizer do valor intelectual, medico, cristão, e civico de Barão de Studart é tarefa impossivel a um só, pois não tinham limites as conquistas do seu cerebro, nem tiveram objetivos estreitos as suas realizações medicas, assim como não se restringe a sua

capacidade de trabalho, nem se contavam as possibilidades do seu coração vicentino.

Já velhinho, baqueando o corpo ao peso dos anos, das vicissitudes e dos gastos do trabalho, dava ainda mostras da soma grandiosa e edificante de sua atividade, de suas magnificas possibilidades intelectuais e dos anseios de seu coração sempre dadivoso, deixando perceber-se, espontaneamente, o potencial de seu trabalho e a majestade encantadora do seu porte moral.

Por tudo isso, Barão de Studart, como medico, conseguiu a maior das vitorias que um profissional pode alcançar:—tornar-se o modêlo vivo da dignidade da profissão. Dignidade no saber. Dignidade no trabalho. Dignidade nas intenções.

Medico que estudava para aprender e aprendia para produzir e produzia para educar. E o seu estudo, o seu trabalho e a sua ação frutificaram na gloria maior das suas vitorias, porque, ao seu espirito, a ciencia e a arte medicas valiam como instrumento da sabedoria e da bondade divinas confiado aos homens para o lenitivo da dor e o exercicio da fraternidade.

O sentido de fraternidade que ele com exuberancia demonstrava, mantendo e promovendo a assistencia, o trabalho e a união entre os homens, está cristalizado na vida magnifica dessas ilustres companhias que hoje lhe prestam homenagem á memoria veneravel.

E não se limitaram só a essas as suas realizações associativas e culturais. De muitas outras sociedades de elevados e nobres objetivos ele fez parte, sendo justo salientar a sublime associação vicentina, á qual dedicara o melhor das suas energias e a mais paternal das suas dedicações, a ponto de fazer dela, entre nós, a mais alevantada conquista do ideal cristão, a primeira em ordem e a mais avançada em finalidade das organizações de solidariedade e assistencia social.

Se em todas Barão de Studart manifestava o brilho de sua inteligencia e de sua formação privilegiada, era, entretanto, na Sociedade de S. Vicente de

Paulo que a sua personalidade irradiava a luz integral de todos os seus meritos. Na intimidade de confrades e socorridos, dentro de sua modestia, transforma-se ele, tornando cristalina a formosura de sua intelectualidade, a pureza de suas intenções, o elevado do seu espirito de civismo, a sinceridade do seu ideal cristão, a nobreza de sua alma de medico, deixando, quasi sempre, imaginar-se que um novo Frederico Ozanam vivia entre nós.

O sentido das suas ações para o lenitivo da dor e da defesa da saúde caracterizou-se, sempre, pelo majestoso conceito que ele dera á Medicina. Pela sensibilidade de seu espirito e pela verticalidade de sua consciencia,praticara a verdadeira medicina, nunca fazendo dela uma corrida de obstaculo em busca de ganhos faceis e de glorias de maravalhas.

Enquanto exercera a profissão, fôra medico de verdade. E ser medico de verdade é não precisar de adjetivos de louvor ou de reclame para ser acreditado possuidor das virtudes proprias da profissão.

Medico, fôra tambem grande patriota, tendo colaborado, no seu tempo, em todas as pelejas em favor da saúde do povo e da proteção da raça. Basta lembrar que foi ele o primeiro idealizador da profilaxia da lepra, em Fortaleza, e o iniciador da construção de um leprosario, para que mais um titulo de honra lhe redoire a memoria. Basta citar o sentido dos seus trabalhos medicos, quasi todos visando questões de sanitarismo e nobreza da profissão, para se julgar do seu elevado espirito de medico que não via só na saúde do cliente o maior interesse, mas dilatava-o na saúde do povo para maior grandeza da Patria.

O elevado de seu espirito de medico fica patenteado no alcance dos trabalhos que publicou, todos eles ainda hoje valiosas lições de medicina e significativas advertencias de profilaxia.

Na impossibilidade de serem todos citados, recordo apenas alguns publicados no "Norte Medico", a primeira revista do "Centro" a que ele tanto agitara e dera vida. Tais são :

"Sobre o obituario infantil em Fortaleza"—traba-

lho baseado em farta documentação, estudando a situação da mortalidade infantil, sobre a qual já tinha clamado providencias, desde muitos anos, dizendo ainda textualmente: «É justo, é necessario clamar de novo em beneficio da infancia—o que é o mesmo que dizer, do futuro do Ceará.»

"Cifras colhidas sobre nupcialidade e natalidade em Fortaleza".

"Climatologia, epidemias e endemias do Ceará" —memoria apresentada ao 4º. Congresso medico latino-americano e que forneceu materia para cinco numeros da Revista.

"Alcoolismo"—pagina de ciencia e de clinica, emoldurada das mais sabias lições de higiene mental e de higiene social em favor da suúde e da dignidade humana.

"A proposito de um anuario de estatistica".

"A Morféia em Fortaleza". Esse é um trabalho sobre o qual o Governo e o povo do Ceará deviam meditar profundamente. Serve de grande lição de uma dolorosa verdade medica—o contagio—e servirá sempre de oportuna advertencia aos erros de administração e de defesa da saúde coletiva.

Foi Barão de Studart um dos primeiros a compreender a feição contagiosa da Lepra, fazendo-se a sentinela avançada contra a invasão do mal de Hansen em nossa capital e no Estado. E deve ter tido, em recompensa, a dolorosa decepção de ver o seu grito de alarma perder-se na indiferença dos homens, com muitos dessès gritos inuteis que se perdem nos desertos.

Em 1898, escrevia Barão de Studart, na Revista da Academia Cearense, alentado estudo sobre 32 casos do seu conhecimento em periodo de 30 anos de observação, de muitos podendo determinar a maneira pela qual se dera o contagio. É de elevado valor esse estudo para o conceito da contagiosidade da doença naquela época, em que ainda preponderava a doutrina de hereditariedade. Demonstrava Barão de Studart o contagio direto do mal e com palavras incisivas focalizava «a marcha progressiva sempre crescente dos casos em Fortaleza».

Em 1915, animado com a promessa de 10 contos postos á sua disposição pelo sr. Arcebispo Metropolitano e a promessa de 6 contos, feita pelo Presidente Benjamim Barroso, iniciou Barão de Studart o seu grande sonho de profilaxia, ensaiando em um terreno adquirido a sotavento do Asilo de Alienados a construção do que seria o primeiro leprosario, no Ceará, o primeiro oasis de esperança e de consolação, a primeira trincheira de defesa sanitaria de Fortaleza. E disse ele com simplicidade comovedora: «Queria eu então, apesar de muito sobrecarregado de trabalhos, empregar porção das minhas energias em obra tão humanitaria», para depois concluir, com velado desalento: «mas tudo fracassou com o emprego das ditas somas em aliviar necessidades dos infelizes retirantes reputadas mais urgentes a conceito dos doadores».

Em 1918, volta á imprensa e dá conta novamente da situação do problema, já comunicando a existencia de 65 casos, lamentando que ainda não se tivesse feito um isolamento, um abrigo sequer, por mais modesto que fôsse, para evitar que o contagio se multiplicasse. E insiste e clama providencia, profetizando futuro doloroso para o Estado, se tal indiferença continuasse, dizendo categoricamente: «Adia-se entre nós, com criminosa indiferença, com deshumanidade para os dias futuros, quando então se terá de dispender contos ás centenas, o que hoje demandará uma despesa relativamente pequena.»

Mas o Governo e o povo não ouviram a palavra do medico, nem deram justo valor ao grito do patriota. E, hoje, por essa apatia lamentavel, estamos a braços com um dos maiores problemas sanitarios em face do aumento assustador dos casos de Lepra, que já se elevam a mais de 700 e cuja progressão está desafiando a ação sanitaria do Governo e esgotando o auxilio da caridade publica.

Tivessem os governos ouvido a voz de Barão de Studart, agora a essa solenidade de dor e de saudade vinham se juntar as bençãos do Ceará, agradecido por ter o grande morto promovido a extinção da Lepra em nosso meio.

De igual valor foram todos os trabalhos medi-

cos de Barão de Studart, porque todos tiveram o elevado cunho de verdade, de lição e de interesse social.

Como clinico, os seus contemporaneos souberam das vitorias da sua medicina sabia, dedicada e honesta. E a pobreza de nossa terra, desde as enfermarias da Santa Casa até o tugurio mais longinquo das "areias", guarda ainda hoje, para gloria dos seus trabalhos e dedicações, as bençãos que se eternizam na lembrança das vidas que ele salvou ou das dores a que ele serviu de balsamo.

Como clinico militante, dos muitos que em piedosa romaria o levaram á ultima morada poucos o conheceram, por que, ha longo tempo, os seus horizontes se limitaram aos trabalhos de literatura e da história e á grande luta da assistencia social e da caridade cristã. Mas, como medico, Barão de Studart terá a sua memoria eternizada no valor dos seus trabalhos, nas lições de sua dignidade, no exemplo de sua virtude.

Barão de Studart pode bem ser considerado o simbolo do medico cearense.

A analise da trajetoria de sua vida luminosa comprova fielmente que a dignidade de nossa profissão e a virtude dos nossos esforços se realizam em função da formula norte-americana, denominada por Forgue a educação dos três H — Hand — Head — and Heart. Isso porque a personalidade privilegiada de Barão de Studart, em todas as esferas de sua atividade, sempre demonstrou a sua magnifica e exemplar formação medica, agindo em tudo, sabendo unir a mão ao cerebro e ao coração.

E é pelo seu exemplo de saber, de dignidade profissional, de virtude cristã e de pureza de civismo, que o "Centro Medico", tendo-o, de há muito, como paradigma, manda dizer nesta sessão solene de luto e de respeito, de saudade e de veneração á sua augusta memoria, que Barão de Studart merece a maior das nossas homenagens, pelo muito que fez em beneficio da pobreza cearense, da medicina de nossa terra e da cultura do Ceará.

IV

O BARÃO DE STUDART—PROFESSOR

Do DR. AMANCIO FILOMENO GOMES

(A sessão funebre, realizada conjuntamente pelo Instituto do Ceará, pela Academia Cearense de Letras e pelo Centro Medico Cearense, realizou-se na Escola Normal Justiniano de Serpa, de que é digno diretor o ilustrado Dr. Amancio Filomeno. Este, antes da sessão, fez, em nome da Escola, o discurso que damos aqui.)

Reunem-se, esta noite, num mesmo preito do mais sincero tributo de profundo reconhecimento e grande admiração ao cearense ilustre que a morte acaba de arrancar do convivio dos seus coestadanos, e das altas especulações do pensamento, os três fulgurantes sodalicios de Fortaleza, em cujo seio foi êle figura de primeira grandeza, a projetar, constantemente, da maturidade do espirito á extrema senectude, as luzes irradiadas do foco luminoso de uma inteligencia de escol, corroborada por um esforço sobrehumano, que não sabia recuar, nem mesmo estacar, diante de quaisquer impecilhos ou dificuldades, que, aparentemente intransponiveis, caíam, de subito, á força da perspicacia penetrante do seu espirito de meticuloso observador e á analise equilibrada e escrupulosa de tudo que interessar pudesse a fatos e acontecimentos velados e obscuros, que, no sub-consciente da nossa historia, jaziam indecifraveis, á espera de que alguem viesse trazê-los á superficie, na clarividencia insofismavel de um dogma intangivel. Foi esse o principal feitio intelectual de Guilherme de Castro Studart—historiador na verdadeira acepção filosofica do vocabulo. Mas ainda muita cousa lhe recomenda o nome imperecivel, ao respeito dos seus contemporaneos e á admiração dos posteros. De fato, Guilherme Studart não se limitou a ser, apenas, um dos maiores historiadores da nossa Patria. Seu espirito polimatico e insaciavel alastrava-se, constantemente, embebendo-se de conhecimentos varios, onde atingiu a culminancia de uma autoridade insofismavel e inconcussa. E' um outro setor da sua cultura

variada e multipla que eu desejo salientar á ilustre assembléia aqui presente. E, por este motivo, permiti, senhores do Instituto do Ceará, senhores da Academia de Letras e senhores do Centro Medico Cearense, permiti que a Escola Normal Justiniano de Serpa, em cujo auditorium se réaliza a homenagem postuma prestada ao vulto imortal do Barão de Studart, venha tambem, ao iniciar-se esta sessão, dizer algo que possa, de alguma forma, expressar o pensamento e o sentir dos que aqui trabalham. E devo dizer-vos que, falando em nome da Escola Normal, faço-o, possuido do mais justo e real contentamento, porque, assim agindo, não cedo só, prazenteiro, aos impulsos naturais do meu respeito e da minha veneração á memoria do grande historiador, do homem de letras e do homem de ciencia, mas tambem venho juntar, ás muitas homenagens que lhe têm sido prestadas, a modesta homenagem desta casa, ao emerito professor, que ele o foi e cuja passagem pelo magisterio brasileiro perdurará para sempre, através de suas obras, que ainda vivem, palpitantes de atualidade. Foi ha mais de vinte anos passados que vim conhecer de perto, e em toda a sua força, uma das facetas do prisma intelectual do Barão de Studart.

Foi ao tempo do meu concurso para professor de inglês desta Escola. Compulsando, então, autores e mais autores, gramaticos e mais gramaticos, com surpresa e com espanto ia eu encontrando, em muitos deles, o nome de Guilherme Studart, citado a cada momento, para a elucidação de certos assuntos de filologia inglesa. Era autoridade incontrastavel na lingua de William Shakespeare e Roger Bacon, e nos seus escritos os doutos e os filologos se abeberavam, nas controversias e nas duvidas sobre a verdadeira interpretação de termos e expressões idiomaticas, tão correntes no linguajar inglês.

Na sua carreira no magisterio, não se restringiu a ser um mero e simples professor. Foi além; e, na ansia insopitavel de seu espirito esmerilhador, aprofundou-se de tal forma, em questões de etimologia, de semantica, de sintaxe inglesa, que seus escritos, apesar da epoca remota em que foram publicados, têm

ainda o sabor da atualidade, sendo, assiduamente, consultados por muitos dos que se dedicam ás minucias do anglo idioma. Meus senhores, eu teria muito a respigar sobre a obra colossal do grande brasileiro, de que o Ceará se ufana e envaidece, por lhe ter sido o berço. As três sabias sociedades, porem, ás quais incumbe a tarefa honrosa de lhe traçar o perfil, em todas as modalidades de seu espirito genial, desdobrado em quasi todos os departamentos da cultura humana, haverão, por certo, de vos apresentar em todo o seu fulgor a figura inconfundivel de Guilherme de Castro Studart. Eu apenas quis, dirigindo-vos estas ligeiras palavras, á guisa de intróito, desempenhar-me, gostosamente, e tambem pela circunstancia decorrente da função que venho exercendo neste instituto de ensino, de uma obrigação, que muito me desvanece, qual a de haver tomado parte na sessão comemorativa a esse verdadeiro varão de Plutarco, que soube elevar a sua terra e a sua gente, com o brilho incomparavel de uma inteligencia privilegiada e com o dinamismo formidavel de um labutar continuo, e que, dos seus oitenta e três anos de existencia, quasi setenta consagrou ao bem dos seus semelhantes, dando-lhes tudo o que o seu esforço lhes poderia dar.

Ao nome imperecedouro do Barão de Studart, o respeitoso tributo da Escola Normal.